

APAGÃO: CRIAÇÃO E PRODUÇÃO DE MATERIALIDADE NO CAMPO DAS ARTES VISUAIS A PARTIR DE OBJETOS COTIDIANOS

ÍTALO FRANCO COSTA¹; HELENE GOMES SACCO³

¹Universidade Federal de Pelotas – italofrancocosta@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – sacco.h@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Foram muitos os problemas climáticos e logísticos pelos quais nossos antepassados passaram e, para solucioná-los, criaram objetos que ao unir forma e conteúdo não só indicam um uso prático, mas também um valor histórico e cultural. “Todas as sociedades humanas sempre organizaram seu cotidiano através da produção e do uso dos objetos, obrigando o homem a estabelecer sempre novas categorias de significados para classificar os objetos conforme suas necessidades” (DOHMANN, 2010, p.73). Desta forma, na sociedade podemos encontrar objetos entendidos como domésticos, públicos, folclóricos, masculinos, femininos, entre outras infinitas categorias que são produzidas na relação entre objeto e cultura. Assim, é possível afirmar que “o objeto é, portanto, prova documental que imprime suas marcas nos indivíduos, criando interna e externamente um processo dinâmico, comunicativo e intercultural”. (DOHMANN, 2010, p.72)

Hoje, a criação de objetos na arte parte de uma ótica não apenas da funcionalidade ou de sua ausência, mas no deslocamento das percepções acerca deles. A memória, o afeto e a cultura, intrínsecos aos objetos é remodelado, transgredido, deslocado, ressignificado pela arte contemporânea.

Este resumo tem como objetivo a análise do trabalho “Apagão” (2021) produzido por mim durante o primeiro semestre de 2021. Nele debruço-me sobre a criação e produção do material que gere um diálogo com o que está sendo vivido no Brasil desde 2018. Com o imaginário repleto de incêndios e tentativas de apagamento, busco refletir sobre o papel da sobrevivência da memória neste processo ou o que ainda restará.

Trago como referenciais artísticos os trabalhos “Phosphorus” (2014) de Elida Tessler e “Sermão da Montanha: Fiat Lux” (1979) de Cildo Meireles.

A investigação integra as ações do Projeto de Pesquisa OBJETOCOISA, desenvolvido no âmbito do grupo de pesquisa [Lugares-Livro] (UFPEL/CNPq), coordenado pela Prof^a Dr^a Helene Gomes Sacco. O Projeto de Pesquisa visa a investigação artística no campo de estudo sobre objetos cotidianos partindo de sua criação, e explorando os vieses de produção, percepção e experiência, por compreender que o campo da arte também é responsável por parte da reflexão, não só sobre o que se cria, mas como se forma a materialidade das coisas no mundo.

2. METODOLOGIA

Para compreender o processo de criação do trabalho “Apagão”, os significados e conceitos que o atravessam, antes foi necessário compreender a memória que carrega consigo através de sua materialidade. Este é um exercício que explora a partir da matéria, as implicações conceituais e simbólicas do trabalho, gerando um conhecimento mais alargado na pesquisa em arte. Para

isso analisei dois trabalhos contemporâneos que partem do mesmo objeto-base para a criação: uma caixa de fósforos. “Phosphorus” (2014) de Elida Tessler e “Sermão da Montanha: Fiat Lux” (1979) de Cildo Meireles.

Em “Phosphorus”, projeto de Elida Tessler desenvolvido para o Clube da Gravura do MAM/SP, a artista cria uma caixa de fósforos na qual os 122 palitos contidos em seu interior possuem inscritos em sua superfície o nome de autoras e autores de livros e suas obras que foram queimadas durante os grandes incêndios das bibliotecas, na ascensão do nazismo na década de 40.

O trabalho é fortemente inspirado na obra audiovisual e livro “Fahrenheit 451”. Na história que retrata um futuro distópico os bombeiros não trabalham mais apagando incêndios, mas sim queimando os livros em uma verdadeira caçada contra o conhecimento e toda e qualquer manifestação de emoções e pensamento livre.

Outro detalhe que podemos notar no trabalho de Elida é seu título. Por sua etimologia, a palavra fósforo se origina de phosphorus, palavra grega formada pela união de “phos”(luz) e “phóros” (que conduz) cujo significado é “aquele que traz a luz” ou “que ilumina” (DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO, 2021), apresentando um contraste com a memória resgata por seu trabalho, dos incêndios causados por regimes de extrema direita, uma vez que “luz” e “iluminar” são palavras associadas ao próprio conhecimento.

“Sermão da Montanha: Fiat Lux” é uma obra-performance criada por Cildo Meireles em 1979 e apresentada no Centro Cultural Cândido Mendes durando apenas 24 horas, posteriormente sendo cancelada pelas forças de censura da ditadura militar.

Com área de aproximadamente 60m² o trabalho consistia em uma estrutura de 126 mil caixas de fósforo empilhadas sobre um chão revestido por lixas e circundada por oito espelhos que ocupavam as paredes. No ambiente o som de pés caminhando sobre a lixa podiam ser ouvidos. Participavam cinco atores contratados para encenar o papel de seguranças desta estrutura de caixas de fósforos impedindo que os espectadores se aproximassem demais (SOUSA, 1981). Nas caixas de fósforo, podia-se notar a expressão “Fiat Lux” com a logomarca de um olho. Na superfície das caixas estavam escritos oito trechos do Sermão da Montanha de acordo com o evangelho. Sobre este trabalho Ana Lúcia Marsillac comenta:

O ato de Cildo parece questionar a um só tempo a força da repressão, mas também o campo das artes, que tendia a produzir obras para serem apenas contempladas. O som das lixas e os seguranças², embaralham posições e insinuam que o espectador pode ser o agente da explosão. Fiat Lux, expressão em latim, que segundo a Bíblia (Gênesis 1-3), foi utilizada por Deus na criação do mundo: faça-se a luz! (MARSILLAC, 2011, p.109).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É possível perceber sentidos diferentes que o mesmo objeto, a caixa de fósforos, pode tomar em ambos os trabalhos. No caso de Elida a caixa de fósforo tem caráter incendiário, enquanto no de Cildo tem caráter explosivo e uma presença muito mais marcada do que o trabalho “Phosphorus” e sua descrição insinuada (e perigosa). Ambos, no entanto, possuem sua semelhança em serem objetos usados na censura e no apagamento do conhecimento por regimes

ditatoriais e de extrema direita no mundo, através da queima de livros e controle do pensamento.

Neste sentido, a memória é fundamental para a compreensão destes trabalhos, uma vez que servem para denunciar eventos passados, presentes ou futuros. É através da memória que é possível acessar não só fatos históricos, textos bíblicos e criações artísticas e culturais do passado e poder relacionar seus sentidos, acessar seus significados, pensar o que eles ainda nos falam.

O trabalho “Phosphorus” de Elida Tessler, atualmente integra a exposição “Língua Solta” do reaberto Museu da Língua Portuguesa, fechado por causa de um incêndio ocorrido no final de 2015. O trabalho, que fala de apagamentos em regimes autoritários, conecta a memória do passado, dos livros que já foram queimados, com os eventos recentes dos apagamentos sofridos no acervo do Museu da Língua Portuguesa, aos descasos e outras formas de pensar os incêndios sofridos em tantos outros acervos que vieram a queimar ou a negar o passado como estratégia de apagamento. “Phosphorus” de 2014, já sinalizava como um presságio do que ao longo dos últimos anos ocorreu no Brasil.

Assim, entendo a memória como um fenômeno que inicia individual, mas que “deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 1992, p.2).

É possível através do comentário de Michael Pollak aproximar a memória do papel da arte contemporânea e por consequência dos objetos de arte. Produto de um artista inserido dentro de um contexto histórico, sua obra está diretamente relacionada às suas percepções do passado (de sua própria vida e do mundo), ao presente (as escolhas e decisões para a criação do trabalho) e ao futuro (o contexto em que seu trabalho se insere e será inserido para sua duração). Ainda, quando tratamos da construção de objetos no campo da arte, que é o campo específico que esta pesquisa se debruça, devemos ter em mente que “o uso dos objetos cotidianos é uma memória datada e inscrita na duração cultural em que vivemos” (DOHMANN, 2010, p.75). Assim, todo objeto porta consigo uma memória que é expressada através de sua materialidade, que porventura se dá através de uma memória coletiva e em constante atualização.

Através dessas reflexões apresentadas até aqui e das discussões realizadas no âmbito do Projeto OBJETOCOISA, produzo o trabalho “Apagão”. Apropriando-me de uma caixa de fósforos simples, anexo em sua superfície a bandeira do Brasil sem as estrelas correspondentes a cada unidade federativa e substituo os dizeres “Ordem e Progresso” pelo título do trabalho. Em seu interior se encontram 40 palitos já riscados e uma lista contendo 40 fatos percebidos como retrocessos em questões como direitos humanos, meio ambiente, cultura e economia.

Apelo à memória utilizando a palavra “apagão”, comumente utilizada para se referir à ampla falta de energia elétrica em um bairro, cidade, município ou região. Quando há um apagão, corre-se às velas e à caixa de fósforo para acendê-las, mas e quando todos os fósforos se encontram riscados?

Busco com este trabalho falar dos apagões sistemáticos que viemos sofrendo desde o “profético” incêndio do Museu da Língua Portuguesa em 2015. Já perdemos o acervo do Museu Nacional do Brasil em 2018 e mais recentemente a Cinemateca Brasileira em São Paulo, a maior cinemateca da América Latina. No entanto, entendo o apagão não apenas como a destruição de nosso patrimônio material, mas também com o cerceamento de nossos direitos e programas sociais que tanto auxiliaram a população brasileira a sair do mapa da

fome e se lançar como um dos grandes nomes à futura potência mundial. A lista contida no interior da caixa de fósforos não serve apenas como denúncia a estes fatos ocorridos, mas também como uma tentativa de preservação da memória por meio da arte.



Figura 3: **Apagão**. Ítalo Franco. objeto, 2021. Fonte: Autor.

4. CONCLUSÕES

Ao trabalharmos com a materialidade dos objetos no campo das artes visuais é necessário estar atento à memória que tais objetos carregam consigo. Não há como apagá-la, uma vez que o que entendemos de tal objeto está gravado em uma memória coletiva. Por meio do trabalho “Phosphorus” de Elida Tessler e “Sermão da Montanha: Fiat Lux” de Cildo Meireles, percebemos como a leitura do trabalho se consolida através da memória e materialidade como um produto do pensamento estético que reflete sobre ou a partir de sua realidade.

Através do trabalho “Apagão” reflito sobre o meu tempo, mas também o referencio propondo interlocuções com artistas e a nossa história. Através da palavra, busco evocar uma memória da cultura, do presente e passado ao indicar caminhos de leitura para o público participante do trabalho em interpretações possíveis do que seria este apagão. Assim, explorando a utilidade de uma caixa de fósforos, lançando mão de seu modo de uso e sua função estética e poética, proponho a arte como crítica que denuncia os apagamentos e incêndios da atualidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DOHMANN, Marcus. **O Objeto e a experiência material**. In: Arte & Ensaios, nº20, julho de 2010.
- FÓSFORO. **Dicionário Etimológico**. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/fosforo/> Acessado em: 02/08/2021.
- MARSILLAC, Ana Lúcia Mandelli De. **Aberturas Utópicas: Singularidades da Arte Política nos Anos 70**. 2011. 364 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Por Alegre, 2011.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- SOUZA, Eudoro Augusto Macieira de. **Sermão da Montanha: Fiat Lux (1979)**. In: BRITO, Ronaldo; SOUZA, Eudoro Augusto Macieira de. *Cildo Meireles*. Rio de Janeiro: Funarte, 1981. p.44.